

**A TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS NO MEIO RURAL:  
BREVES ANOTAÇÕES DAS RELAÇÕES OFICIOSAS, E OFICIAIS NA  
PERSPECTIVA DE GÊNERO.**

**Jairo Barduni Filho<sup>1</sup>, Ana Louise de Carvalho Fiúza<sup>2</sup>, Erika Oliveira  
Amorim<sup>3</sup>, Adriana Maria da Silva Costa.<sup>4</sup>**

---

<sup>1</sup> **Autor: Jairo Barduni Filho – Mestrando em Extensão Rural -  
Universidade Federal de Viçosa/MG – E-mail: rfbarduni@yahoo.com.br**

<sup>2</sup> **Co-autora: Ana Louise de Carvalho Fiúza - Professora e Coordenadora  
do departamento de Extensão Rural : Universidade Federal de Viçosa/MG  
E-mail: louisefiuza@ufv.br**

<sup>3</sup> **Co-autora: Erika Oliveira Amorim –Mestranda –Extensão Rural –  
Universidade Federal de Viçosa/MG – E-mail: erikaoamorim@hotmail.com**

<sup>4</sup> **Co-autora: Adriana Maria da Silva Costa –Mestranda – Extensão Rural –  
Universidade Federal de Viçosa/MG. E-mail: adrianasilcosta@bol.com.br**

## **Resumo.**

Família, terra e trabalho sempre foi o tripé privilegiado por estudiosos clássicos do meio rural, como os de Chayanov, Galeski, Tepicht, Mendras, Wolf, em nível internacional, e no contexto nacional por Moura, pelos Woortmanns, por Heredia, por Paulilo, dentre tantos outros. Contudo, como chama atenção Bourdieu (2006), existe um mundo oficioso de relações afetivas, que nunca aparece nestes estudos que estão centrados na análise das relações oficiais que se estabelecem dentro de um rural agrícola, em virtude de ser central para a reprodução social do mesmo uma ideologia patriarcal sustentada pela comunidade camponesa.

A partir da década de 90 há uma transformação deste rural, onde a terra perde a sua centralidade na reprodução das unidades produtivas familiares em face ao crescimento das ocupações rurais não agrícolas, é de se esperar que esta ideologia que sustentava a tríade “família, terra e trabalho” se enfraqueça abrindo espaço para a maior visibilidade das relações homoafetivas, antes fortemente interditas. Neste sentido discutir aspectos relacionados a unidade familiar como moral, respeito, amizade se torna fundamental na análise das identidades masculinas que resistem aos ofícios ditos da própria “masculinidade”.

Tendo em vista que em meio ao campesinato as relações sociais são bases para o trabalho e para a perpetuação de tradições, herança é produção. É importante alavancar a discussão referente a lacunas que são demandadas pelos sujeitos inseridos no contexto familiar, onde os estudos a respeito da produção, do capital, já não abarcam de forma satisfatória a plasticidade do campo, e os desejos interpessoais.

Como metodologia foi utilizada um levantamento bibliográfico de autores da micro-sociologia bem como da macro-sociologia, fazendo tessituras dos argumentos, e assim tentamos contribuir de forma embasada e com reflexões nossas a respeito da temática de gênero perpassando as relações familiares e de produção pertinentes ao campo, bem como a noção de trabalho no sentido subjetivo e prática destes ofícios, de forma que acabam por demarcar distinções de gênero no meio rural. Assim, acreditamos que o campo não pode ser visto como uma realidade econômica que não leva em conta o oficioso

como Bourdieu (2006) define sendo as relações afetivas que não são tratadas em estudos relativos ao campo, bem como secundarizando este aspecto em detrimento ao discurso oficial, que são as relações agrícolas de produção, para atender a demanda do urbano, e conseqüentemente do capital.

## **Introdução.**

Trazer à tona a temática da sexualidade no meio rural requer ater-se para as especificidades que o meio rural apresenta enquanto um cenário em transformação, neste sentido alguns teóricos são fundamentais para a discussão da temática da sexualidade, e suas diferentes facetas na prática das relações interacionista e construtivista no meio rural, tais como: Foucault (1985, 1988, 1998), Bourdieu (1999), Cordeiro & Scott *et al* (2006), Butler (2003), Bataille (1975), Woortmanns ( 1995, 1997 ), Goffman (1963), Ferreira (2007), Nolasco (1999), Wolf in Fortes & Neves (1974) entre outros que iremos recorrer ao longo de da pesquisa.

Neste artigo salientamos também a necessidade de entender o que estamos chamando por rural? E para isto utilizaremos autores como Favareto (2007) Carneiro in Fortes & Neves (1974) e Kageyama (2008). Estes autores (as) entendem um rural não como um local pronto, fixo e dicotômico como se decorre bastante na literatura sociológica rural antes das décadas de 80 e 90. Más sim um rural pautado por características que flexibiliza as relações entre os indivíduos, que põe a família e seu arranjo familiar no centro da atenção, e neste sentido obviamente que aspectos como tradição, herança, são colocados a baila neste novo rural brasileiro.

Teóricos nacionais e internacionais apontam para a importância de se problematizar o que geralmente não se admite problematizar, seja *in lócus* como no meio rural cotidiano, bem como nos estudos voltados para o meio rural calcado num viés de um paradigma macro de produtividade, no qual seus estudos desdobram na produção rural estritamente agrícola, ou seja, em estudos que enxergam apenas a relação de produtividade do rural bem como na relação dicotômica de Rural *versus* Urbano, alijando o discurso, e interações e conflitos presentes na esfera das micro- relações.

A dominação da sexualidade (desviante) masculina como “subalterna” pela hegemônica - *tipo ideal* é o aspecto que perpassa a discussão de diversos teóricos que estudam as relações no meio rural com foco na família, e nas relações entre indivíduos. Deste modo optamos neste artigo por teóricos que dão maior ênfase ao individualismo metodológico, no sentido de buscar estes discursos que acabam sendo minimizados pela ótica de um coletivismo metodológico das pesquisas voltadas para o meio rural.

Entretanto não se trata de cairmos novamente na velha dicotomia micro-versus macro/indivíduo – estrutura, pois entendemos a importância da abordagem macro que iremos nos remeter em determinados momentos neste artigo para efeito de análise, onde é importante entender a relação entre estrutura e indivíduo como algo decorrente sócio – historicamente, e que muito auxilia na compreensão das relações no meio rural, desta forma não se trata de pensarmos em um artigo de caráter unidirecional teoricamente, mas buscar o entendimento da temática aqui abordada em diferentes referenciais.

### **Justificativa.**

O seguinte artigo justifica-se sob dois aspectos; são eles: pessoal, e acadêmico.

Pessoalmente aponto meu interesse no presente artigo como tendo uma trajetória de inserção na temática do gênero, e especificamente com o tema da homossexualidade masculina. Inserção esta que se iniciou na graduação na área da Educação (Pedagogia), e se estendeu em artigos, e com minha inserção no grupo de diversidade sexual da Universidade Federal de Viçosa/MG, denominado Primavera nos Dentes (grupo de discussão de gênero).

Academicamente podemos dizer que este artigo visa contribuir para suprir uma lacuna existente nos estudos de gênero no meio rural que se trata de pesquisas no viés da masculinidade/homossexualidade. Percebe-se que a temática da cultura camponesa, e relações de gênero são uma constante nos estudos das ciências sociais que tem se produzido no Brasil principalmente nesta última década com a quebra da tríade terra, família, e trabalho, favoreceu a emergência de pesquisas com o foco nas relações de gênero, entretanto

pouco é constatado dentro deste campo de pesquisa em relação à sexualidade masculina, conjugalidades e suas transformações e desvelamentos frente a um rural também em transformações, a mulher continua sendo o foco de tais estudos, o que de certa forma alija outras interfaces de gênero que não são abordadas nestes estudos como: homossexualidade, idosos, crianças etc.

### **Que rural é esse? E a importância da família.**

Para que possamos entender sobre qual rural nos referimos aqui, é importante entender que ao longo da história dos estudos sobre o rural, vários foram as conceituações a respeito do que viria a ser o rural, entretanto neste artigo estamos recorrendo aos teóricos que apontam para um rural não dicotômico, não *pretérito* como aponta Favareto (1997) não tendo como atividade principal a agrícola, e neste sentido apontamos para Kageyama (2008), Favareto (1997), Carneiro in Fortes & Neves *et al* (1974). No sentido de que acreditamos nesta interpretação do rural em transformação como um dos argumentos fortes para o surgimento, principalmente no discurso a respeito de novas conjugalidades, e sexualidades vividas no meio rural, isto devido a esta nova configuração do rural, um rural não mais tão distante de centros urbanos, não mais bucólicos de ausência de conflitos, nem estagnados por uma ausência de trocas econômicas, sociais, políticas.

Kageyama (2008) aponta para uma análise de diversas vertentes que segundo a autora mesclam a questão econômica com a social no sentido de promover o desenvolvimento rural.

...o desenvolvimento rural deve combinar o aspecto econômico (aumento do nível e estabilidade da renda familiar), o aspecto social (obtenção de um nível de vida socialmente aceitável) e o ambiental e que uma de suas trajetórias principais reside na diversificação das atividades que geram renda (pluriatividade). (KAGEYAMA. 2008, p.71).

Favareto (1997) aponta para a inserção da agricultura familiar nos estudos pós década de 90, uma categoria não legitimada até então, que neste momento se torna um elemento importante para os estudos deste novo rural. Bem como a discussão sobre a territorialidade que agora passa a estar presente, termo este não tido como fixo, mais fluido pelas relações que esta ruralidade tece.

Na obra de Favareto (1997) este faz um levantamento bibliográfico a respeito de como surgem às cidades, e como a relação entre campo e cidade se constitui, uma dicotomia que segundo o autor perde esta característica com a modernização das relações de trabalho, ou seja, com a revolução industrial, acontece o fim de um tipo apenas de rural tido antes deste momento histórico. No tocante a discussão Carneiro in Fortes & Neves *et al* (1974). Vem apontando a família como centro importante de análise, justamente por ser quem se encontra no centro desta transformação rural, ou seja, a família com a perda de valor da terra por políticas de redução do aparato do Estado tendem a buscar novos rearranjos para conseguir sobreviver em detrimento de sua economia antes estritamente agrícola. Neste sentido a autora aponta para os conflitos gerados pela falta de proteção que a família se encontra devido a este cenário econômico de estreecimento da tríade terra/família/herança, decorrente ao novo cenário econômico mundial que incide diretamente por sobre esta tríade.

A unidade familiar, entendida como entidade plástica e mutante, tem a capacidade de elaborar estratégias para se adaptar às condições econômicas e sociais. No entanto, cabe enfatizar que esses rearranjos que, não raro, dialogam com a tradição – rejeitando-a ou revalorizando-a - não se limitam ao plano das relações observáveis empiricamente como também, repito, não são frutos de uma deliberação individual ou necessariamente consciente. Novos valores podem ser formulados ou antigos valores serem resgatados (como a revalorização da vida rural e da natureza ou como a noção de liberdade associada ao trabalho por conta própria, por exemplo) na busca de respostas a crises familiares. Em outras palavras, fatores de ordem cultural, e até mesmo subjetiva, interferem diretamente na trajetória econômica dessas unidades produtivas. (FAVARETO. 2007p.156).

No que tange a discussão da família, a figura do patriarca também se encontra em uma situação delicada, pois novos discursos podem vir à tona, novos desejos, a moral um imperativo tão importante no meio rural se encontra abalada, pois a centralidade da família nas mãos do pai, e valores “inerentes” do rural são colocados a prova nas novas relações de trabalho existentes, as relações pluriativas.

O que queremos indicar com a importância de se analisar as relações de pluriatividade é que a economia da intimidade pode mudar a partir do momento que as relações de trabalho mudam, o rearranjo familiar para as relações de

trabalho pode trazer a baila uma nova forma de composição familiar, e assim os valores, e moral estariam suscetíveis de reificações e afirmações, o que poderia refletir na fluidez no discurso até então centrado nas relações *oficiais* imbuídas de valores e morais suprimindo o discurso *oficioso*.

### **A família, a amizade, e a virtude.**

De acordo com Fortes (1974) em seu estudo sobre o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, o crescimento/ tempo de vida de um indivíduo está de acordo com o sistema social em que este indivíduo está inserido, com a educação na cultura de sua sociedade e a sucessão da geração de acordo com sua incorporação na estrutura social. Ou seja, o capital humano e social deve ser mantido para que haja a perpetuação desses indivíduos, o que pressupõe seguir papéis historicamente instituídos, Fortes vai apontar para a relação dicotômica da família que segue dois campos instituídos distintos, o campo interno familiar, e o externo.

Ignorar fatores do campo interno familiar é sinalizar o aparecimento de problemas com a coesão familiar até então fortificada pela economia familiar. Neste sentido Wolf in Fortes & Neves *et al* (1974), contribui com a discussão a respeito dos comunidades complexas e não complexas e a amizade de seus membros com o campo interno ou externo familiar.

Segundo Wolf as comunidades complexas, se caracterizam por uma forte relação afetiva, e uma não abertura de suas relações com os que estão “fora” de sua composição, este aspecto se vincula a relações patrono e cliente, porém o que nos interessa na pesquisa de Wolf é a questão da moralidade/virtude e amizade vinculada aos múltiplos objetivos de funções da família vinculada à comunidade como um todo.

Assim o autor aponta que, a reputação de um homem acaba por recair sobre a sua família como um todo, por ser esta uma instituição que envolve o homem como um “todo”. A quantidade de virtude dos outros membros fica balizada numa falha de virtude que um membro da família venha a cometer, e não o bastante o comportamento passado de membros da família tem muito peso na avaliação presente e futura desta família.

No que tange a amizade, ele irá apontar para dois tipos de amizade: a emocional, e a instrumental, cada uma diz respeito à forma em que o grupo familiar está relacionado com o campo externo. Quando a amizade é emocional, significa que a característica que sobressai é de uma família/grupo fechado, onde a afeição é maior entre seus membros e o que pode acarretar problemas como ciúmes, e inimizades, este tipo de grupo caracteriza-se na observação de discursos sobre segredos familiares, sobre trabalho, salários etc.

De acordo com Wolf a amizade emocional é autolimitadora, o que quer dizer que sua existência no grupo é inferida pela limitação do exterior, e talvez a principal característica deste tipo de grupo/família, diz respeito a uma tendência de homogeneização dos membros do grupo, ou seja, qualquer tentativa de externalidade diferencial pode acarretar sérios problemas de manutenção deste indivíduo neste grupo familiar. Este é um ponto importante para este artigo a partir do momento em que com a flexibilização deste rural, os indivíduos do meio rural podem vir a buscar a realização de seus desejos, de objetivar novas metas pessoais, demandar consumo material e simbólico do meio “urbano”, o que viria na contramão útil desta homogeneização familiar.

Do outro lado o autor aponta a amizade instrumental, esta com característica de ligações forte com membros fora deste grupo/familiar, esta amizade vai além das fronteiras impostas e tenta estabelecer laços com novos grupos. Wolf exemplifica com a existência de grupos fechados da America Central, onde a mobilidade de indivíduos deste grupo além da órbita da comunidade é motivo de acusação de bruxaria, ou como um *Desviante*, o que pode torná-lo objeto de sanções.

Neste sentido o autor discorre a respeito de dois tipos de grupos familiares, aonde para nosso artigo viria como um importante instrumento de análise para perceber características, onde o novo rural pode ser balizado por essas duas características de comunidades, se como uma possibilidade de bens e serviços, ou interferência de sua coesão familiar fechada. E com isto as sexualidades tidas como “desviantes”, bem como segredos familiares aqui associando a relações *oficiosas*, e a nova ruralidade estariam em destaque no conflito familiar que envolveria o *Nós* e o *Eu*.

## **A sexualidade no meio rural**

Scott & Cordeiro (2006) apontam que na construção e na vivência das masculinidades e das feminilidades, destaca-se o significado das inserções de classe, raça, etnia, geração, opção sexual, entre outras, capazes de configurar contornos específicos às vivências e seus sentidos considerando as especificidades dos distintos contextos (CONNEL, 1997; KIMMEL, 1997; 1998; OLIVEIRA, 1998; 2000; ALMEIDA, 2001).

Neste sentido ser homem no meio rural requer características específicas, características estas presentes no discurso do cotidiano seja no espaço da casa (privado), quanto do roçado (público), onde estes espaços são definidores de variantes masculinos e femininos socialmente concebidos por indivíduos de comunidades rurais.

Ou seja, não se trata de papéis masculinos, mas de uma variante masculino que subordina uma outra variante masculina, e feminina. Dentro de uma ideologia patriarcal a grande disputa é na relação entre homem e mulher, no caso da masculinidade percebe-se que o ponto crucial é entre a sexualidade hegemônica, e a sexualidade “desviante”. Os conflitos entre tais variantes se consolidariam nas práticas, discursos, e estratégias cotidianas. Características da masculinidade e feminilidade estariam em conflito dentro do campo da masculinidade.

Foucault (1988) cunhou conceitualmente de *Temperança* a característica principal da relação entre indivíduos, mas, sobretudo entre os homens da sociedade grega, o que pode ser compreendido de forma análoga nos estudos de Scott & Cordeiro *et al* (2006) na significância do termo *Respeito*, de forma que o homem do meio rural tem como atributo intrínseco do que é ser homem neste lócus específico. Ou seja, saber controlar seus desejos íntimos em nome do respeito ao grupo familiar.

Neste sentido é importante também abrir um parêntese sobre outra sociedade antiga. Na sociedade Romana o homem que aceitasse ser penetrado, estaria fadado a ter sua imagem manchada pela imoralidade, a atitude de ser penetrado estaria vinculado diretamente a um significado de lascividade.

Ou seja, se a temperança grega e em certa medida romana eram sinônimo de comedimento, e domínio de si, do papel ativo de um homem seja nas coisas da

vida, como do sexo, o respeito se aproxima no sentido de corroborar com o significado de manter uma auto imagem digna de obediência pelo discurso. Percebe-se que determinadas práticas como a da infidelidade, não é completamente repudiada no meio rural como bem aponta Scott & Cordeiro *et al*, o que o homem precisa se vigiar enquanto um homem de respeito, seria o exagero, ou melhor dizendo o não colocar em risco o casamento em detrimento a sua pulada de cerca excessiva.

O homem que não presta neste contexto é o “maconheiro”, “o fresco” (homossexual), o que bate na mulher, o ladrão, o assassino, o homem que sai com outras mulheres e despreza a “mulher de casa”. Neste sentido, é interessante observar uma contradição potencialmente conflituosa: se os homens arrumam mulher fora, isso lhe valoriza perante outros homens, mas também pode se tornar motivo de repúdio quando exageram, fragilizando o laço conjugal e familiar e favorecendo a infidelidade da mulher. Com outros homens, se mantém sempre uma relação de amizade e competição, tendo em vista, particularmente, o significado da traição feminina nesse contexto. (SCOTT e CORDEIRO *et al*. 2006, p. 303).

Ainda de acordo com os autores o respeito é uma categoria bastante significativa para o homem no meio rural, ser homem de respeito é também ser um homem capaz de não se envolver em confusão, e não ser alvo de chacota perante a comunidade. Tais chacotas indicariam uma sexualidade desviante, ou a falta de um comedimento no consumo da bebida. No caso este homem estaria fadado à desqualificação, e alvo de chacotas feminilizando-o.

O encontro em casas de homens como aponta (AIMEIDA 1995 *apud* FERREIRA 2006 p.64) em seu estudo sobre homosociabilidade no meio rural é regido por significações simbólicas de hierarquias como característica própria desta parcela de variante masculina hegemônica, neste sentido brincadeiras de contato, apalpar o traseiro do outro, e competição monetária estariam entre tipos de ações simbólicas para instalar uma hierarquia da esfera masculina sobre a feminina, tendo em vista que a bulinação e a superioridade monetária estariam dentro da natureza essencialista masculina.

Outro atributo que levaria o homem no meio rural a ser alvo de chacotas seria a solteirice prolongada, o homem que permanece solteiro, estaria fadado ao estigma de donzelo, daquele homem que não tem vida sexual ativa, tal estigma se instalaria no oposto da imagem do que é ser homem de respeito neste contexto específico.

A não adequação as normas tem como desdobramento o apontamento de estigmas que de acordo com Goffman (1963) os homossexuais estariam classificados dentro de um estigma pela falta de caráter, e de amores antinaturais.

As “brincadeiras” e jogos eróticos se estendem para além do físico, pois como bem aponta Ferreira (2007) a respeito dos ritos de iniciação sexual e jogos eróticos, a relação Natureza – Homem – Deus, que é estrategicamente mantenedora de relações *oficiosas* no meio rural. Este rural que tem na ligação ecologia e simbolismo uma estreita relação de produção acadêmica, relação esta que vincula diretamente a relação sexual com a produção.

O mato e a casa se tornam um binarismo de identificação sexual, o que está apto para a empreitada masculina e apto para o cuidado feminino. E nesta relação de domínio masculino e simbolismo e que Ferreira (2007) aponta o uso do mato virgem como sendo o encontro de relações *oficiosas* no meio rural, pois o mato virgem é sinônimo de um não – domínio da produção econômica masculina *ainda*, ou seja, propício de ligação entre o imaginário camponês de lendas e fantasmas, afugentando qualquer tentativa de bisbilhotice alheia, tornando-se um local apto para se ter as relações *oficiosas*. O espaço a respeito do imaginário sexual da pureza, na ligação entre natureza pura e sexualidade, é tido como local de transgressão de normas.

Dessa forma, o espaço – ambiente construído pelo ideário rural é criado como um local possível para os encontros amorosos dos *afectos* mal ditos, de forma estratégica e distante dos flagrantes vexatórios. Assim, os agenciamentos e suas experiências, no trato dos jogos eróticos, defloram o que é tratado como causa ou efeito sobre os mistérios sobre naturais, embaralhando o princípio da harmonia transcendente á consonância imanente. Trata-se, sobremaneira, do ritual ou da perspectiva criativa dos jogos e dos *afectos* em uma reinvenção e experimento de uma etologia no e com o homem do campo. (FERREIRA. 2007, p. 10 e 11).

Esta criatividade de uso da natureza para as relações *oficiosas* demonstram uma válvula de escape do homem rural em detrimento das normas e tradição que impõem uma norma a ser seguida, sobrepondo-se principalmente às relações sexuais “desviantes” que de nada serviriam para a força de trabalho, já que para o trabalho agrícola é necessário requisitos próprios do masculino, e

o desviante por ser simbolicamente relacionado com o feminino não supriria esta virtude tradicional condicionada por um *habitus* masculino dominante, e útil.

A maneira de ser homem, no meio rural começa a ser aprendida desde bem cedo, tal como um recorte da sociedade normatizadora em que vivemos no meio rural também há a inculcação de um *habitus* onde de acordo com Bourdieu (1999) é a estrutura estruturada que permite identificar um campo, no caso, permite identificar seu papel de homem dentro do campo societário heterossexual, o que requer aptidões de atividades típicas masculinas e comportamentos específico de tal identidade.

A estrutura simbólica de papéis masculinos e femininos de Bourdieu (1999), e os dispositivos de Foucault (1988) fortaleceriam os papéis no meio rural tal como a maternagem onde o papel da mulher é tido dentro da cultura camponesa, como cuidadora do doméstico, e seu trabalho é visto como ajuda pelos homens, bem como legitimado no discurso da própria mulher rural.

No que diz respeito ao homem, este se solteiro pode acarretar uma exclusão no processo de socialização, pois a ajuda vem juntamente com o reconhecimento das relações estabelecidas no lugar. A não ajuda, e o não vínculo com outras pessoas acarreta nesta exclusão, ou seja, a exclusão para o homem se dá como desdobramento de sua solteirice.

No que diz respeito à separação dos dois mundos (privado/público) relacionado ao estigma sobre o homem isto se deve por uma dicotomia da aproximação das filhas com a mãe, e dos filhos com o pai. No caso o filho que como aponta Scott e Cordeiro *et al*, esteja muito próximo da mãe, “*no rabo da saia da mãe*” poderia comprometer a reputação deste futuro homem de respeito, pois o menino estaria sendo envolvido demasiadamente sob a esfera da feminilidade, o que poderia fazer deste filho um homossexual.

No meio rural a natureza e o trabalho são aspectos que se entrecruzam pelo próprio *lócus* das funções no meio rural. Sobre o aspecto do trabalho os Woortmanns (1997) apontaram para este trabalho como meio definidor de papéis no meio rural.

O processo de trabalho familiar agrícola como atividade consciente é coordenado pelo homem adulto (marido, pai), que assume o papel de chefe do processo produtivo por ser o detentor de um saber agrícola

específico. Com efeito, este processo de trabalho é também um espaço de socialização das novas gerações na atividade produtiva, o que envolve a construção de saberes necessários à reprodução do processo de trabalho. Neste caso, “a transmissão do saber é mais do que transmissão de técnicas: ela envolve valores e construção de papéis” (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997:11).

No que concerne a divisão sexual do trabalho, Woortmanns (1997) já havia apontado para a sexualidade tida como “desviante” e a função que lhes era atribuída. Segundo a autora: É preciso observar que nas representações do grupo estabelecem – se associações entre ser um padre e atributos femininos, chamando-se sempre a atenção para o “fato” de padres usarem “saias” (batinas). Encaminhando – se ao clero também aqueles filhos nos quais se detectavam supostas tendências homossexuais, tendências essas que, paradoxalmente, podiam ser “desenvolvidas” pela própria família, ao atribuir tarefas femininas a rapazes adolescentes.

Neste sentido percebe-se que a sexualidade é vista e analisada sobre o prisma da normatização familiar, e que a contradição se encontra no próprio cerne familiar, ou seja, a mesma atribuição de tarefas que são indicadas para o homem que não se adequaria a atividades do roçado, também é a culpada por seu “desvio sexual”.

Neste sentido ainda segundo os Woortmanns (1997) A respeito da dimensão da passagem para a condição de adulto, este momento marca também uma separação entre os sexos. O menino passa definitivamente para o domínio masculino e deve ter relações de distância com sua mãe, e irmãs. Aqui se identifica a apreensão de um desvio sexual pelo contato com a esfera simbólica feminina.

A família possui um contexto de significado muito forte no meio rural, a própria palavra família está imbuído em uma analogia com a palavra respeito, termo tão apreciado pelo homem no meio rural, e é a respeito do conceito de família, é que Bourdieu (1999) e Foucault (1988) em minha interpretação, se aproximam no sentido de entenderem o poder que esta palavra contém em seu cerne, enquanto uma conceituação de normatização, ordem, e poder em que é aceito por todos como algo dado e inquestionável. Onde o patriarcalismo se configura como um conceito de congregação garantidora deste poder vertical, e geracional.

Neste sentido a sexualidade com fim reprodutivo, se torna uma necessidade para além de fins econômicos, más principalmente para a transmissão de valores, tradições, e alianças, estes podemos dizer são características do bio – poder que Foucault (1988) aponta na sua genealogia da sexualidade. Ter um membro da família não digno de respeito, envergonharia todos os outros membros da família no contexto de uma comunidade rural, onde as relações são de princípios de solidariedade e vizinhança. Neste sentido pensar a complexidade das relações familiares é fundamental, a relação que comunidade, família, escola estão imbricadas e os desdobramentos que a ação de uma destas esferas implicaria conseqüentemente na outra.

Segundo Goffman, o encontro social está baseado na definição de situação proposta pelos participantes da interação, qualquer quebra atinge não só o protagonista da ação, mas a todos os outros que nela tomam parte. Heller avança mais no argumento, pois sentir vergonha exprime um desvio das prescrições de conduta da sociedade e expressa um reconhecimento da validade da autoridade externa e de um débito moral com a comunidade, que deve ser pago ou reparado. Dessa forma, o coadjuvante se envergonha pelo outro, porque a ação do outro diz respeito não só ao sujeito da ação, mas a toda a sociedade que estabelece essas regras. É por isso que não sentimos vergonha apenas pelas pessoas que nos são mais próximas ou que fazem parte de nosso círculo de relacionamentos. (MARTINS, 1999, p. 26).

Neste sentido a sexualidade “desviante” no meio rural está sob o crivo da vigilância dos pais e da comunidade principalmente no desempenhar da função do esperado de um homem de respeito, e as brincadeiras de analogia da natureza, corpo e ato sexual estão sempre permeando o universo de um homossexual, seja para reforçar um *habitus* sexual como denominaria Bourdieu (1999) ou para estigmatizar o indivíduo destoante do padrão normatizador pela analogia do sexo com a natureza imbricado nas brincadeiras, que se desdobra no bullying, e homofobia tanto na escola, quanto no roçado excluindo o homossexual, principalmente dos grupos de amizade entre homens. Aqui nesta teia de relações é que percebemos como a manutenção da moral para o homem se torna um preceito a ser mantido sob pena de este abdicar de sua individualidade/subjetividade.

No que tange a relação de amizade, Nolasco (1999) aponta que amizades entre homens são como terra de ninguém. Pois de acordo com este autor nós

homens fomos socializados para calar o sofrimento, o prazer ou a fantasia para outro homem, sob o preço de perder sua “amizade”, Nossas relações são, na maioria das vezes, superficiais e distantes, justificando nosso fervoroso envolvimento com o trabalho, as guerras, e o comércio.

Ainda segundo Nolasco (1999), a homofobia nasce como reação por parte de quem não consegue nomear os próprios afetos, tendendo assim a canalizá-los e a interpretá-los segundo a vertente sexual. A homofobia, e bullying tendem a ser minimizados nas relações no meio rural em nome do *Nós*, ou seja, em nome de uma moral familiar, de uma reputação a ser zelada, por isso tais violências contra o homem tende a ser esquecidas no *oficioso* mundo das relações masculinas.

No tocante a conceituação de Nolasco é que aponto para grande inquietação da cilada que o próprio homem cria para si mesmo, pois de acordo com este autor: os homens crescem e se desenvolvem entre si, e posteriormente trabalharão juntos horas a fio, também juntos praticarão esportes e ainda terão de fazer um esforço enorme para não reconhecerem que desejam uns aos outros. A homofobia passa a ser então a única possibilidade de diferenciação para quem é impelido á homogeneização e á indiferenciação no campo afetivo sexual.

O apelo sexual que circunda os homens, aliado a um estado de alienação da dinâmica e dos significados de suas subjetividades, torna-os escravos dos próprios desejos, na medida em que não se sentem livres para dizer não aos apelos da ordem social. São tantos os obstáculos que se interpõem entre dois homens que, uma vez proibidos de estabelecerem contato uns com os outros, resta senão produzirem mecanicamente o que está definido em seu papel social. Desta forma, ficam impossibilitados de realizarem a partilha de seus sonhos e dores mais íntimas sem o que não há como caminharem em direção a seus desejos e realizarem relações de encontro e de entrega (NOLASCO. 1999,p. 128).

Sobre a vigilância/fiscalização, Foucault (1988) aponta para instituições que dentro de uma genealogia da sexualidade se especializaram em fiscalizar, e adestrar o indivíduo dentro de um padrão binário de sexualidade, como as instituições escolares, psiquiátricas, e as familiares que conseguem manipular os jogos de prazeres e poder.

Entretanto o mesmo homem que vigia outro homem para flagrar uma situação de “promiscuidade” do outro, também é o homem que tem ciúme deste, é uma situação de vigilância paradoxal, segundo Ferreira (2007), no meio rural há uma reinvenção da cultura e natureza, pelos indivíduos que adentram o mato para experimentar o então “*affectos*” (DELEUZE 2002 *apud* FERREIRA 2007 p.14), ou afetos mal - ditos (BOURDIEU 1980 *apud* FERREIRA 2007 p. 9). Estes indivíduos romperiam com a norma e costumes, para aflorar uma gama de *affectos*.

Goffman *apud* Martins *et al* (1999). Afirma que: quando o corpo ou os gestos não respeitam as regras e os padrões dados para a interação, há uma conduta imprópria. Para este autor, o decoro “... diz respeito ao modo como o ator se comporta enquanto está ao alcance visual ou auditivo da platéia, mas não necessariamente empenhado em conversar com ela” (p.83).

Neste sentido, o homem que apresenta em seu desempenho corporal trejeitos femininos são mais facilmente estigmatizados pelos demais homens como a-moral, tendo a fuga como um objetivo de vida pessoal, ou familiar no sentido da garantia da própria integridade dos demais membros da família, uma maneira de proteger a família do estigma que poderia respingar em outros membros familiares.

De certa forma o que Goffman nos diz é que no espaço da interação, o indivíduo representa um papel para ele para os outros espectadores. Em vários momentos transparece na sua argumentação uma determinada postura “cínica” dos atores envolvidos na cena. O palco é lugar de representação, assim como um ator profissional que está interpretando um papel não se comporta da mesma forma na vida real. Portanto, o lugar em que o indivíduo fica mais a vontade é na região dos bastidores. No entanto, em alguns casos nem mesmo nos bastidores é possível para o ator deixar de usar a máscara. Pode ser que, de tanto incorporar o papel na região de fachada, o indivíduo não consiga desvencilhar-se dele, continuando a representar mesmo no lugar onde deveria relaxar. Quando isso ocorre, a saída é deslocar-se para um lugar mais afastado na própria região de bastidor ou ir para outro lugar em que seja permitida uma atitude mais descontraída, onde não seja mais necessário portar a máscara. (MARTINS, 1999, p.24)

Butler (2005) aponta para o ônus que um homem homossexual do meio rural enfrenta tendo em seu corpo o peso deste *habitus* corporificado, sobretudo nas condições árduas do trabalho, o que acaba se tornando um estímulo para que este homem seja direcionado para tarefas dentro de casa, juntamente com as

mulheres da família. Como também este ônus seria tido como um incentivo para deixar a vida no meio rural numa ingênua crença de que o urbano estaria mais apto a recebê-lo, aqui chamo a atenção para uma dupla estigmatização que este homem enfrentaria no meio urbano, ou seja, levando o peso de sua origem, que no imaginário urbano muitas das vezes ainda o associa a figura do *Jeca Tatú*, e se sua sexualidade se aflorar, este corre o risco de uma dupla estigmatização, acarretando também em bullying, e homofobia, não só por homens heterossexuais, como mulheres heterossexuais e por homossexuais urbanos.

Segundo Bourdieu (1999) a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. Ou seja, a virilidade é um atributo relacional que é construído do homem para o homem, para o olhar deste outro masculino, como se houvesse uma disputa, onde a feminilidade fosse o ponto fraco a ser escondido a qualquer preço, por isso a passividade, o choro, e tudo que remeter ao universo “feminino” deve ser alijado do corpo, de seu comportamento, para a aceitação ao grupo masculino.

Como a honra – ou a vergonha, seu reverso, que, como sabemos, à diferença da culpa, é experimentada diante dos outros -, a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de “verdadeiros homens”. Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris. Práticas como, por exemplo, os estupros coletivos praticados por bandos de adolescentes – variante desclassificada da visita coletiva ao bordel, tão presente na memória dos adolescentes burgueses -, têm por finalidade pôr os que estão sendo testados em situação de afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade de sua violência, isto é, fora de todas as ternuras e de todos os enternecimentos desvirilizantes do amor, e manifestar de maneira ostensiva a heteronomia de todas as afirmações da virilidade, sua dependência com relação ao julgamento do grupo viril (BOURDIEU. 2005, p.65).

Bourdieu (1999) aponta para a relação de submissão do corpo nas tarefas socialmente impostas dentro de uma divisão binária dos sexos. Segundo o autor: a probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica da experiência do corpo alienado), o mal – estar, a timidez ou a vergonha é tanto mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo

socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros.

Tanto Nolasco (1999) quanto Bourdieu (1999) concebem o homem como sendo um prisioneiro de si mesmo, uma “vitima” de sua própria cilada histórica e socialmente construída.

Nos aspectos decorrentes nas relações micro Bataille (1975) aponta como sendo o indizível nas relações do meio rural, o termo cunhado pelo autor diz respeito às sexualidades silenciadas, esquecidas e não ditas, tais sexualidades estariam à margem dos discursos em prol do bem estar do coletivo representado pela família, e de um misticismo bíblico. Os *afectos* mal ditos para este autor é apontado como as relações que não tenham um fim produtivo, ou seja, relações dispendiosas sem retorno.

Tais *afectos* para o autor seriam proporcionados à medida que a sociedade capitalista abrangesse os diversos meios possíveis de alcance, inclusive o meio rural o que levaria a um consumo não necessariamente vinculado com a produção. O que quer dizer que de certa forma não se pode pensar o local separado do todo, no caso os *afectos* mal ditos numa relação micro não podem ser pensados isolados de uma economia maior. Que incide uma influência nesta busca pela liberdade.

O discurso que normatiza também é o mesmo que puni principalmente quem o utiliza, no caso o homem se torna seu próprio refém, pois o discurso heteronormatizador tende a construir os armários que são verdadeiras prisões da sexualidade. Segundo Bourdieu (2005), estariam dentro de um grupo social estigmatizado, as mulheres, os negros, e os homossexuais, estes estariam a margem do homem *pleno* o que significa que estes atores sociais seriam portadores de um coeficiente simbólico negativo. Este coeficiente em situação relacional estaria sempre favorecendo a heteronormatização sexual.

A fuga, ou saída do meio rural para as sexualidades que não se enquadram no padrão heteronormatizador não é algo raro, mesmo com um rural em transformação Favareto (2007), onde cada vez mais se evidencia o encurtamento de relações entre urbano e rural. Neste sentido concluímos este artigo propondo que esta transformação não ocorra apenas no desenrolar da diluição de setores para territórios, más, sobretudo em políticas voltadas para o desenvolvimento rural onde a pauta de gênero seja contemplada, e

principalmente que este gênero não seja apenas um manual binário de discussão entre homens e mulheres, numa relação dual.

O que defendemos é que todas as facetas dentro desta temática sejam tidas dentro de políticas que visem a discussão de gênero, como a sexualidade masculina, a feminina, a geracional, a homossexual etc. E que inclusive a academia tenha esta inserção para a “formação” de extensionistas.

### **Referências Bibliográficas.**

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. Cap. 1 p.15-74; Cap. 3-p. 121 -201. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade* Tradução Renato Aguiar – Rio de Janeiro. Editora: civilização Brasileira, 2003.

CANTARELLI Jonhny, ALVES Maria de Fátima Paz. In:CORDEIRO Rosineide. SCOTT Parry.(Org).AGRICULTURA FAMILIAR E GÊNERO: Práticas, Movimentos e Políticas Públicas. Editora UFPE. 2006.p 301-323.

FERREIRA, P. A natureza e o imaginário: dos jogos eróticos em sociedades rurais o indizível das sexualidades camponesas. *Hábitus Goiânia*, v. 5, n.2, p. 375-394, jul./dez. 2007.

FAVARETO, Arilson. *Paradigmas do desenvolvimento rural em questão*. São Paulo: Iglu: FAPESP, 2007.

FORTES, Meyer. *O Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico*. In: Série Textos de Aula. Antropologia 6. Universidade de Brasília. 1974.

FOUCAULT, Michell. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhom Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Editora Graal, 8ªedição, 1998.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade III: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Editora Graal, 7ªedição, 1985.

GOFFMAN, Erving. Estigma: La identidad deteriorada trad. Leonor Guinsberg: Amorrortu editores, Buenos Aires, 1963.

KAGEYAMA, Angela. Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Programa de Pós – Graduação em Desenvolvimento Rural, 2008.

FERREIRA, Lucia. Miagusko, Edson Vergonha e Ordem. In: MARTINS, S .JOSÉ (Org.) *Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole*. 1999. p.24-26.

MARTINS, José. Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole. São Paulo: Hucitec, 1999.

NASCIMENTO, Carlos Alves do. *Pluriatividade, pobreza rural e políticas públicas*. Tese (Doutorado). Campinas, instituto de Economia, UNICAMP, 2005.

NOLASCO, S. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

WOORTMANN, Ellen. F. Herdeiros, Parentes e Compadres. Editora Universidade de Brasilia. São Paulo – Brasilia, 1995.

WOORTMANN, Ellen. WOORTMANN, Klaus. O trabalho da terra. A lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Editora. UNB. 1997.